

AJES - INTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

A PRESENÇA DE DROGAS NA VIDA DOS ADOLESCENTES E NO CONTEXTO
ESCOLAR

Autor: Leandro Elvis Rodrigues

Orientadora: Ma. Ana Letícia de Oliveira

JUÍNA/2014

AJES - INTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

**A PRESENÇA DE DROGAS NA VIDA DOS ADOLESCENTES E NO CONTEXTO
ESCOLAR**

Leandro Elvis Rodrigues

Orientador (a): Ma. Ana Letícia de Oliveira

*“Trabalho de Graduação Individual
apresentado como requisito para obtenção
do título de Licenciatura em Matemática.”*

JUÍNA/2014

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BANCA EXAMINADORA

Me. Luciano Endler

Esp. Lucinda Aparecida Américo Honório

Ma. Ana Leticia de Oliveira
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por tudo o que me tem proporcionado desde quando comecei o curso, principalmente às amizades cultivadas entre a turma e claro com os professores.

Aos meus pais e avós, que em todos os momentos principalmente os mais difíceis, estiveram ao meu lado me proporcionando ótimas expectativas que me trouxeram até aqui.

Também, agradeço Marcio Carlos Moreira e Daniela da Silva Figueiredo, por me acolher em sua casa durante o meu primeiro ano de faculdade.

E, em especial, quero agradecer a professora Ma. Ana Leticia de Oliveira, por ter tornado possível a realização deste trabalho, assim como a todos os professores que tanto contribuíram para a minha construção de conhecimento e pensamento crítico.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha orientadora, Professora Ma. Ana Leticia de Oliveira, por sua dedicação e preocupação com a qualidade deste trabalho. À professora Lucinda Aparecida Américo Honório por toda a atenção e ajuda que me proporcionou inclusive fora das dependências da instituição.

Especialmente à minha esposa Silviani Rodrigues Goulart, pelo carinho e otimismo, pois sem isto seria mais difícil chegar à conclusão de mais esta etapa de minha vida.

A tarefa não é tanto ver aquilo
que ninguém viu, mas pensar o
que ninguém ainda pensou
sobre aquilo que todo mundo
vê.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido através de um estudo de caso em uma escola de Ensino Médio de Juína-MT. A pesquisa buscava saber como está o conhecimento e qual o contado que os jovens e adolescentes possuem com as drogas, assim como o preparo dos professores para trabalhar a prevenção às drogas com alunos desta unidade de ensino e, como a escola vem desenvolvendo seu projeto de prevenção ao uso/abuso de drogas entre os adolescentes. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico acerca de drogas, adolescência e escola, em busca de definição e distinção de informações cientificamente comprovadas e senso comum. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, pois a mesma tem por finalidade examinar a qualidade do conhecimento dos adolescentes em razão do trabalho realizado pelos professores e a escola em relação a prevenção de drogas. Com a análise dos dados coletados foi possível perceber o grau de conhecimento dos alunos sobre o tema e principalmente observar o interesse e as sugestões dadas por eles para que a escola pudesse trabalhar prevenção às drogas com mais eficácia, de maneira que os próprios alunos se sintam mais atraídos; as revelações foram surpreendentes quando os professores e a coordenação da escola foram questionados através da aplicação de questionários distintos, que visavam através destes, a melhor compreensão dos resultados adquiridos dos alunos. Assim sendo possível apresentar soluções e chegar a uma conclusão convincente sobre o assunto investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas, Conhecimento, Adolescência, Escola e Prevenção.

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 01: Comunicação dos alunos sobre drogas	27
GRÁFICO 02: Contato com dependentes químicos	29
GRÁFICO 03: Contato com drogas	30
GRÁFICO 04: Identificação de possíveis usuário de drogas	33
GRÁFICO 05: Possível futuro de um usuário de drogas	34
GRÁFICO 06: Problemas com drogas na escola	35
GRÁFICO 07: Contato entre professor e alunos usuários de droga	36
GRÁFICO 08: Segurança na abordagem do assunto drogas	37

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Identificação por faixa etária e gênero	24
---	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DROGAS: DO SENSO COMUM AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	13
1.1 A dependência química e os efeitos sobre a adolescência	14
1.2 Drogas no cotidiano escolar	17
2 METODOLOGIA.....	20
3 ANÁLISE DOS DADOS	23
3.1 A visão dos alunos.....	23
3.2 A visão dos professores.....	33
3.3 A visão da coordenação	38
3.4 Como o tema pode ser trabalhado na escola	39
4 CONCLUSÃO.....	43
5 REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	48
APÊNDICE 01	49
APÊNDICE 02	52
APÊNDICE 03	54

INTRODUÇÃO

Um dos temas mais importantes da atualidade, que ainda assombra a sociedade é a questão das drogas, principalmente quando associada aos adolescentes ou à escola.

Segundo Ribeiro (2005, p. 93) a droga em si é apenas um objeto; mais importante é começar desde cedo a ampliar as percepções dos alunos para que eles sejam capazes de discernir qual o significado particular está sendo atribuído a este objeto.

Com esta concepção, os professores podem trabalhar de maneira que os estudantes não se sintam impostos a realizar uma escolha sem ter tomado conhecimento suficiente sobre o assunto, ou seja, os professores devem incentivar através de trabalhos, projetos que façam com que o estudante decida por si mesmo o que é o certo a se fazer sobre o assunto. Assim eles se sentem mais autônomos e confiantes.

“Não adianta amedrontar, tampouco limitar-se a fornecer informações [...] sobre drogas. Pode-se até acabar incentivando a experimentação, pois a adolescência é uma idade de desafios para o jovem” (MOMM; MOMM, 2000, p. 92). Na adolescência é que os jovens se sentem dispostos e prontos para enfrentar novos desafios, e, o quanto mais perigoso for uma situação, mais atrativa pode ser para o adolescente. Por isso que o professor deve ser extremamente minucioso ao trabalhar sobre drogas, pois ao em vez de alertar quanto ao perigo das drogas, ele pode sem perceber acabar causando uma curiosidade fatal em seus alunos. Por motivos como este que é importante e ao mesmo tempo difícil para os professores estarem trabalhando um assunto tão polêmico nas escolas.

Destaca-se ainda que na visão dos alunos de ensino médio, esses apenas julgam como drogas aquelas substâncias ilegais que estão acostumados a ver nos jornais e televisão. No entanto, reconhece-se aqui a importância de aprofundar os conhecimentos sobre o assunto.

Esse é um assunto que deve ser tratado com extrema importância e delicadeza, já que quando se fala em drogas nas escolas, o futuro de todos que a frequentam é posto em risco. No entanto, nota-se que a sociedade não dá a esse assunto a atenção que deveria receber, e as escolas acabam sendo largadas a própria sorte, tendo que lidar sozinhas com esses problemas.

Percebe-se que as instituições de ensino procuram agir de acordo com as ferramentas e recursos que tem a sua disposição. Porém, necessita de parcerias, unindo forças com os pais, os alunos, a polícia, pesquisadores e palestrantes sobre o tema, entre outros.

Entende-se ainda, a partir do senso comum, que se um dia o indivíduo se tornou ou se tornará usuário, foi porque alguém, em algum momento notou a sua fragilidade e se aproveitou da situação para convencer essa pessoa a usar algum tipo de droga, fazendo dela um usuário em potencial.

A partir de reflexões como essa, surgiu a problemática e os questionamentos: Por que os adolescentes são atraídos tão facilmente por tais substâncias, e qual o contato que os alunos de ensino médio têm com as drogas? Qual o papel da escola para resolver tal situação?

Para buscar essas respostas e refletir sobre um tema tão complexo objetiva-se com o estudo identificar como é o contato e o conhecimento de alunos do 2º Ano do Ensino Médio de uma escola¹ de Juína-MT.

Esse objetivo central passa a ser complementado com objetivos específicos sendo eles: realizar levantamento bibliográfico acerca do assunto; fazer uma análise do entendimento dos alunos sobre droga; identificar a ação das escolas sobre tal problema; e propor soluções para trabalhar o assunto nas escolas.

Para atingir tais objetivos, buscou-se realizar pesquisa bibliográfica sobre o tema, e coleta de informações na escola através de entrevistas e questionários com alunos e professores como pode ser observado ao longo do trabalho.

O presente trabalho está organizado em seis tópicos, sendo a introdução, o primeiro a ser apresentado. A seguir encontra-se o referencial teórico, onde todo o embasamento acerca das “drogas e adolescência” foi desenvolvido com fins de enriquecer o trabalho, sendo seguido pela metodologia. É nela que estão descritos todos os procedimentos e métodos de pesquisa utilizados para a construção do trabalho, de forma que se pudesse chegar a uma conclusão coerente a partir da comparação dos dados analisados com a base teórica de obras de autores que se relacionam com o tema.

¹ O nome da escola e de seus respectivos alunos, foi preservado para evitar possíveis danos à sua imagem.

A seguir, no quarto tópico apresentam-se os resultados do estudo, onde foi realizada a análise e interpretação dos dados coletados com os três questionários aplicados a seus devidos públicos (alunos, professores e coordenação da escola) e a apresentação de possíveis soluções para o problema enfrentado pela escola, ou seja, a presença de drogas entre os jovens e adolescentes em suas dependências.

Já no quinto tópico, a conclusão, está presente a síntese dos resultados que englobam todo o desenvolvimento do trabalho, desde a base teórica até a análise dos dados coletados através da pesquisa de campo. O resultado final do trabalho, onde tudo o que se pôde concluir com as pesquisas realizadas, pode ser expresso claramente como sendo consequência da reflexão de todas as discussões realizadas no decorrer do trabalho.

Por fim, as referências bibliográficas constituem o último tópico deste trabalho de conclusão de curso, e, encontram-se logo após a conclusão. As referências utilizadas, são a segurança de que as fontes bibliográficas consultadas e adquiridas para a construção desta monografia, são realmente confiáveis. E em apêndices estão os questionários aplicados na pesquisa de campo, que foram numerados devidamente, para melhor situação do leitor.

1 DROGAS: DO SENSO COMUM AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Em tempos atuais muito se fala sobre drogas, nos grupos de amizades, nos jornais, nas escolas, televisão, rádio, etc. O assunto está presente no dia-a-dia da sociedade. No entanto, às vezes, com tudo o que é dito e comentado sobre as drogas nos diferentes meios de comunicação ou entre as pessoas na sociedade, fica difícil de distinguir o que é realmente verdade e o que são boatos do senso comum. Para resolver este problema, existe o conhecimento científico, pois, ao se falar nele, “o primeiro passo consiste em diferenciá-lo de outros tipos de conhecimento existentes” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 75).

Devido à forma como se caracteriza, pode ser considerado como “*sistemático*, já que se trata de um saber ordenado logicamente, formando um sistema de idéias (teoria) [...]” (Ibid, p. 80) que terão “[...] sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência [...]”.

Já o conhecimento comum ou popular é “transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal” (Ibid, p. 75), e este tipo de conhecimento pode acabar confundindo o entendimento das pessoas acerca de determinado objeto ou assunto. Isso porque, este pode ser caracterizado como “superficial, [...] conforma-se com aparências, [...] expressa-se por frases como “porque o vi”, “porque o senti”, “porque o disseram”, “porque todo mundo diz” (Ibid, p. 77). Sendo assim, para o estudo científico, o conhecimento popular pode não ser confiável de acordo com suas características.

Em se tratando de drogas e adolescência o conhecimento popular torna-se perigoso, porque

O adolescente busca a independência individual, ele absorve atitudes, ações e costumes das pessoas que estão mais próximas, e várias são as informações e conselhos recebidos. A mídia é uma poderosa fonte de informação com influências positivas e negativas nos comportamentos e na formação do adolescente. (ZEITOUNE, et al, 2012, p. 58).

Ainda, como todas as pessoas possuem costumes, ações e atitudes diferentes, como o adolescente poderá saber quais as melhores informações e conselhos recebidos? Através da mídia as coisas não são diferentes, pois, os reflexos podem não ser bons no indivíduo caso este venha a fazer uma má escolha nas informações transmitidas por ela.

Pode-se notar através da distinção entre os conhecimentos popular e científico, que o segundo é o tipo de conhecimento mais confiável. De acordo com Silveira (1992, p. 36) “o conhecimento científico é obtido dos fenômenos (aquilo que se observa), aplicando-se as regras do *método científico*. O conhecimento constitui-se em uma *síntese indutiva* do observado, do experimentado”, não inventado e nem construído, mas sim descoberto conforme são realizadas as observações e experimentos acerca de um fenômeno. Sendo assim, “o conhecimento científico é o único meio de se obter a verdade” (DOMINGUES; CHAVES, 2005, p. 585).

1.1 A dependência química e os efeitos sobre a adolescência

As drogas estão presentes entre os seres humanos a milhares de anos, uma vez que para Tavares, Béria e Lima (2001, p. 151) “consumir drogas é uma prática humana, milenar e universal. Não existe sociedade que não tenha recorrido ao seu uso, em todos os tempos, com finalidades as mais diversas”. Então, de acordo com estes autores, as drogas sempre existiram e sempre se ouviu falar sobre elas desde os tempos mais antigos até os atuais.

Não importando a qual tipo de sociedade o usuário pertencia, cada um tinha seus motivos para estar consumindo tais substâncias e para Brusamarello et al (2008, p. 2) o uso de drogas na história da humanidade ocorre devido à finalidades que vão desde a vontade de satisfazer curiosidades ingênuas até a busca intensa de prazer. Com isso é possível perceber o poder que as drogas têm em causar dependência à quem faz uso delas e como a curiosidade relacionada à falta de conhecimento, pode fazer com que as pessoas sejam seduzidas pelo prazer que a droga proporciona.

Estas substâncias denominadas ou chamadas de droga são definidas por Santos e Costa (2013) como qualquer tipo de substância que possa causar dependência e trazer modificações físicas e psíquicas (comportamentais) ao indivíduo. Essas modificações convenientes do uso de drogas tornou-se um grave problema de saúde pública devido ao uso abusivo delas, que aumentou assustadoramente nas últimas décadas no mundo todo, pois o consumo passou de forma ritualística em pequenas quantidades, para a produção como um produto comercial para ser consumido e distribuído em grande escala (BRUSAMARELLO et. al. 2008, p. 2).

Para Júnior Lorencini (1998, p. 31) “o consumo de drogas está presente na maioria das culturas, variando seus padrões de uso, suas funções, seu alcance e sua frequência”. Portanto, pode-se confirmar que as drogas estão por todos os lugares, por isso é necessário que o indivíduo tenha consciência do que a droga pode fazer na vida dele, para que crie uma resistência a essa influência.

O autor ainda continua apresentando que “os efeitos da droga no cérebro humano produz estados alterados de consciência para compensar a eterna busca do prazer e da negação constante do sofrimento”, o que leva o usuário a se tornar cada vez mais dependente dessa sensação. Isso porque enquanto pensa estar sentindo algum tipo de prazer ao consumir tais substâncias, nem imagina quanto sofrimento está causando a si próprio, aos seus familiares e amigos. Pois o usuário de drogas nega estar sofrendo com elas, mas no fundo sabe que está num caminho da autodestruição.

É então que a escola tem seu importante papel de mostrar aos jovens e à comunidade escolar, o caminho do conhecimento que oferece possibilidades aos indivíduos de se construir socialmente, sem que se percam com escolhas tão ruins quanto a das drogas. Isso porque a escola deve compreender que “as drogas são um problema interdisciplinar e multidimensional, que pode ser interpretado no âmbito escolar, tendo a sala de aula como ambiente de educação preventiva e de valorização social da vida” (LORENCINI JÚNIOR, 1998, p. 31).

Sendo assim, o problema das drogas pode ser trabalhado em sala de aula por todos os professores, não deixando que este se torne um trabalho a ser realizado somente por alguns deles. É preciso que a unidade escolar se una a todos para que se torne forte e preparada o suficiente para abordar seus alunos com disposição para orientá-los sobre como fazer boas escolhas e como se proteger das más escolhas, tendo o quesito droga como a pior das escolhas.

Segundo Júnior Lorencini (1998) as drogas psicotrópicas ou psicoativas são substâncias que atuam sobre o sistema nervoso, modificando principalmente o comportamento psicológico do indivíduo, já que agem causando efeitos sobre a atividade mental. Desse modo, é possível denominar estas drogas, como: estimulantes, depressoras e alucinógenas.

As *estimulantes*, [...] agem geralmente aumentando a atividade mental, [...] como é o caso da nicotina do tabaco, das anfetaminas, da cocaína e da cafeína. Já as *depressoras* funcionam como inibidoras do sistema nervoso, diminuindo a atividade cerebral [...]: o álcool, os barbitúricos (sedativos), ansiolíticos (tranquilizantes), a morfina, a heroína e os solventes inalantes. [...] as *alucinógenas* são aquelas que alteram o funcionamento mental [...] (delírios e ilusões) e [...] alucinações. Nessa categoria se incluem as substâncias encontradas no LSD [...], ecstasy, maconha e alguns cogumelos (Ibid, p. 32).

Com isso, pode-se imaginar o quando as drogas podem prejudicar o corpo humano, pois elas agem diretamente ou no sistema nervoso ou no cérebro do usuário, que ao se drogar acaba por destruir a si próprio. E, assim o jovem vai fechando as portas para o conhecimento que a escola pode estar lhe proporcionando todos os dias, pois se drogando mesmo com poucas quantidades, a droga age destruindo o cérebro e desequilibrando o sistema nervoso. Com isso os efeitos podem causar danos diretos sobre o cérebro, e conseqüentemente, problemas na aprendizagem.

Segundo SOUZA (s.d., p. 1) “a dependência química é definida como uma doença crônica incurável, mas tratável que leva a pessoa a progressiva mudança de comportamento. É uma doença de evolução própria, que pode levar à insanidade, prisão, morte ou ao tratamento”.

Um usuário de drogas, inicialmente consome quantidades pequenas de droga e com a frequência que vai usando vai se acostumando e então vem a necessidade de consumir uma quantidade maior. Se o consumo de tal substância fica maior a cada vez que consumida pelo usuário, então pode-se dizer que este se trata de um caso de dependência, que na maioria das vezes é de alguma substância ilegal.

Quanto ao enfoque da adolescência, inicialmente é necessário que se defina essa fase da vida humana como sendo “[...] uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um ser adulto [...]” (ZAGURY, 2009, p. 25).

Já para Priotto (2009, p. 217) a adolescência é um período da vida caracterizado por grandes mudanças e crises profundas, que segundo ele, podem possibilitar à vulnerabilidade a violência. Ele ainda complementa que “a vulnerabilidade [...] exige dos educadores e profissionais atenção e observação aos comportamentos apresentados pelo(s) adolescente(s).

Para Aratangy (1998, p. 9) “não é fácil resistir à atração que as drogas exercem. Engana-se quem acredita que só pessoas especialmente frágeis ou problemáticas

correm o risco de se deixar seduzir por esta experiência”. Sabendo que qualquer pessoa, mesmo não estando mais na adolescência, pode acabar provando algum tipo de droga em busca de novas sensações ou prazeres momentâneos, por gostarem de desafios, serem curiosos, não ter experiência de vida para definir o que é melhor pra si próprio, etc., é possível entender por que os adolescentes são mais atraídos ao envolvimento com estes tipos de substâncias. Os motivos que caracterizam esta fase da vida humana são propícios para fazer dos jovens que passam por ela, iscas perfeitas para atração à ações perigosas.

Silber e Souza (1998, p. 150) entendem que “os adolescentes fumam por pressão dos iguais, por curiosidade, por imitação, como manifestação de independência, rebeldia, ou com a intenção de fazer uma “figura importante”. Com bases nestas ideias, nota-se que a idade em questão é marcada por emoções intensas, por vezes muito variáveis, por isso é importante que quem se dirigir a um adolescente com problemas com as drogas ou simplesmente para orientá-lo sobre o assunto, esteja bem preparado, para que palavras ditas não o confundam ainda mais. Pois de acordo com o autor,

[...] as drogas estão disponíveis, e a maioria dos jovens são objeto de pressão para o início de seu uso. Sem dúvida, alguns adolescentes estão em maior risco do que outros. Os três fatores mais importantes são a história familiar, o uso por parte dos pais e certas características individuais (SILBER; SOUZA. 1998, p. 150).

No modo adolescente de ver o mundo, sente necessidade de construir sua identidade e se destacar dos demais dentro de um grupo social. Por ser uma fase facilmente influenciável quando estão à procura de tal destaque em seu grupo de amigos, em grande parte das vezes acaba fazendo o que o grupo faz também, em busca de ser reconhecido pelo mesmo.

1.2 Drogas no cotidiano escolar

Apesar do assunto ser grave, entre muitos alunos do ensino médio as drogas circulam como se fosse algo normal, já presente no cotidiano juvenil. Isso porque “[...] muitos adolescentes já não consomem só eventualmente; já tem um hábito e um esquema montados para que aquilo possa acontecer de determinada maneira” (TAMBELLI JÚNIOR, 2003 p. 173).

Com isso, os grupos de usuários de drogas se formam frequentemente, na sociedade ou mesmo nas escolas, e à medida que o tempo passa, os integrantes destes grupos se aperfeiçoam cada vez mais no uso e manuseio de drogas e como lidar com situações perigosas para adquiri-la. Para Júnior Tambelli (2003, p. 173) “o jovem vai aprendendo formas que não o exponha em demasia. Mas ainda acontece, por imprudência e não-maturidade com relação ao uso, de chegar ao limite em que, de repente, perde o controle da situação” o que não pode acontecer em hipótese alguma.

A grande questão com o jovem nessa idade é que ele acha que tem esse controle sobre a situação. Mas quando vai ver, não tem mais. Seja pela própria dependência que cria [...] ou pela questão social, porque pode chegar a polícia [...] e o jovem não pode fazer nada (Ibid, 2003, p. 173).

Contudo, isso é o que acontece com aqueles que se envolvem com as drogas, ainda mais fácil de acontecer com adolescentes, já que estes são pessoas que estão descobrindo as faces da vida, o que os deixa ainda mais vulneráveis. Estão se descobrindo e a maioria muda de vida quando começam a entender o que é viver em sociedade ou em família mesmo que isso leve algum tempo, geralmente todo o período da juventude.

Assim como há alunos jovens que pregam que usar droga é legal, também há aqueles que tem opiniões diferentes. A obra de Macfarlane (2003, p. 36) apresenta alguns depoimentos, e, dentre eles está o de quem acredita que é possível viver sem drogas, que serve de exemplo para pessoas que tem intenção de usar ou continuar usando, pois sabe que elas são prejudiciais e então mantêm distância, afirmando “sou contra drogas porque acho que tem muito jeito de você ter barato sem depender de nada fora de você”.

Segundo as informações adquiridas através da realização de uma entrevista para seu estudo, Pereira, et al, (2011) afirma que embora seus entrevistados terem demonstrado um pouco de dificuldade para decreverem seus conhecimentos sobre álcool e outras drogas que estão presentes no cotidiano deles, alguns vieram a definir álcool e outras drogas como sendo algo entre o ruim e proibido. Mas, que também pode ser algo bom, partindo do ponto de vista que não se faça o uso abusivo delas, as drogas podem ser usadas para desinibir as pessoas.

Apesar das notícias em diversos jornais, revistas, casos na própria família ou entre amigos sobre o crime e as drogas, o que causam ou o que podem causar na vida de um usuário, é assim que muitos dos jovens pensam, como se fossem capazes de manter o controle sobre tudo sem pensar nas consequências de seus atos. Conforme Júnior Tambelli (2003, p. 173) “[...] o jovem nessa idade [...] acha que tem esse controle sobre a situação”.

Mas, assim como há jovens que não se controlam ao consumir bebidas alcoólicas, também há aqueles que preferem não sair do social e, “[...] o beber socialmente pode proporcionar à pessoa um momento agradável de descontração, de desinibição [...]” (PEREIRA, et. al., 2011, p.151), desde que as restrições a cerca das bebidas alcoólicas sejam obedecidas, conforme especificado pelo ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – nos Artigos 81 e 243 (BRASIL, 2012, p. 38 e 108) que tratam da proibição da venda de alguns produtos inadequados à utilização de crianças e adolescentes, e, da punição sujeita a aqueles que praticam tais vendas.

Contudo, não se pode negar que esta relação entre as bebidas alcóolicas e o ser humano pode ser saudável, no entanto estas são bebidas proibidas para menores de 18 anos e o que mais se vê são adolescentes usando e abusando delas, pensando que detem o controle da situação. No entanto o que acontece é o descontrole e outras complicações mais sérias, como apresentado por Tiba (2007), que o adolescente está sujeito a perder o controle, beber mais do que o cérebro aguenta e ter complicações, dar vechame, vomitar, passar mal, ou até mesmo corre o risco de se sentir poderoso em relação as demais pessoas a sua volta e acabar se metendo em confusão.

Quando comecei a trabalhar com prevenção, há 20 anos, eu fazia palestras. A palestra não funciona. Ela funciona para o grupo de professores, grupo de pais, no sentido de elucidar, de tirar preconceitos, mas ela não vai levar a uma mudança de comportamento efetiva no usuário, no dependente (SILVEIRA, 2003, p. 188).

Pensando nisso, nota-se que mesmo que haja trabalhos envolvendo palestras nas escolas, os adolescentes usuários não se sentirão tocados pelo que for dito durante o evento. Tudo que os jovens necessitam na grande maioria das vezes é de alguém que fale a linguagem deles, ou seja, de alguém que se coloque na realidade deles, e, que trate-os de igual para igual. Sendo assim, a juventude passa a compreender melhor o que é o mundo das drogas, e criando personalidade para opinar sobre o que realmente quer.

2 METODOLOGIA

Antes de falar sobre qualquer linha de pesquisa utilizada na construção do presente trabalho, é preciso conceituar a metodologia e compreendê-la a fim de entender o processo percorrido até a conclusão de uma pesquisa científica. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 14) “a Metodologia [...] consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa”.

Ainda os autores continuam afirmando que a metodologia do trabalho científico “examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação”, direcionando o pesquisador no decorrer da construção e desenvolvimento do trabalho.

A metodologia do trabalho científico consiste na aplicação de procedimentos e técnicas que ao serem observados servem para construir conhecimento, tendo como propósito a comprovação de sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14). Tendo em mente as finalidades da metodologia no processo da pesquisa, os autores continuam e afirmam que de modo amplo “[...] pesquisar [...] é procurar uma informação que não sabemos e que precisamos saber” e que “pesquisar cientificamente significa realizarmos essa busca de conhecimentos, apoiando-nos em procedimentos capazes de dar confiabilidade aos resultados”.

A metodologia possibilita a escolha ou determinação dos procedimentos e técnicas necessárias para a realização da pesquisa científica, sendo que a mesma pode ser de caráter quantitativo, qualitativo, bibliográfico, estudo de campo e/ou de caso. Fazendo com que ela seja fundamental e indispensável para a obtenção dos resultados, porque “o tipo de pesquisa categoriza a pesquisa na sua forma metodológica de estratégias investigativas” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 25).

O presente trabalho teve seu projeto elaborado no I semestre do ano de 2013, com objetivos que visavam compreender qual a influência que as drogas causavam nos alunos usuários do Segundo Ano do ensino médio de uma escola no município de Juína, Mato Grosso. A pesquisa de campo foi realizada somente no II semestre deste mesmo ano através da aplicação de questionários específicos destinados a três

públicos distintos, porém, interligados no dia-a-dia da escola, aos alunos do Ensino Médio, professores de diversas áreas de atuação e à direção/coordenação da escola, que teve um questionário destinado e aplicado em forma de entrevista.

Os questionários aplicados na pesquisa de campo, estão adicionados como apêndices logo depois das referências bibliográficas. Sendo o apêndice 01, o questionário aplicado ao público de jovens e adolescentes, que foi elaborado com o objetivo principal de descobrir como está o conhecimento dos jovens em relação às drogas e saber deles como o assunto vem sendo tratado e trabalhado na escola. Já o questionário destinado aos professores, adicionado como apêndice 02, buscava, dentre suas várias questões, saber deles se tiveram problemas com usuários de drogas na escola e se estão seguros para estar trabalhando o assunto em sala de aula. Por último está o apêndice 03, que é o questionário aplicado à coordenação da escola alvo da pesquisa, que buscava acima de tudo esclarecer como a escola lida com o trabalho preventivo em relação às drogas.

Ainda em relação aos questionários, vale destacar que alguns deles foram selecionados para que fosse realizada a extração de falas relacionadas à maioria das respostas em algumas questões. Sendo que em outros casos, extraía-se falas que se destacavam dentre as demais, por serem respostas sábias ou então inesperadas, porém, sem sair dos objetivos apresentados anteriormente. Isso permitiu que as falas dos jovens, professores e coordenação, fossem ouvidas, interpretadas e comparadas entre si e com obras de diferentes autorias, que serviram de suporte para realização deste trabalho.

Também foi realizado um levantamento bibliográfico sobre drogas com ênfase à relação que elas possuem acerca da escola e os adolescentes, com a finalidade encontrar embasamento teórico para enriquecer e fortalecer as discussões e questões abrangidas no decorrer do trabalho. Também foi realizada pesquisa de campo de caráter qualitativo, com a aplicação de questionário a alunos, professores e entrevista com a direção da escola. Com isso o trabalho atual apresenta uma comparação de resultados que visa responder seu principal objetivo, que é saber se e/ou como a escola trabalha o tema das drogas e descobrir a eficácia do trabalho realizado por ela.

Os dados coletados com a aplicação dos questionários foram trabalhados de duas formas, sendo elas a construção de gráficos para a melhor exposição dos resultados das questões e a apresentação de respostas e comentários dos

entrevistados, e, em alguns casos é apresentado embasamento teórico, acerca das questões abertas (objetivas).

Entende-se que os procedimentos adotados se adequaram aos objetivos do estudo, possibilitando encontrar materiais bibliográficos e resultados práticos satisfatórios como observa-se a seguir.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Em busca de resultados concretos quanto a questão das drogas no contexto da adolescência e escola, foi aplicado um questionário junto aos alunos das turmas de Ensino Médio de uma escola de Juína-MT. Também foram observadas as opiniões de professores e coordenadores da escola.

Com esses dados foi possível apresentar reflexões e soluções de como trabalhar nas escolas a complexa temática das drogas.

3.1 A visão dos alunos

Com o intuito de descobrir como anda o conhecimento dos alunos do Segundo Ano do Ensino Médio a respeito do tema “drogas”; se a escola trabalha ou não o assunto; como é trabalhado e como os alunos gostariam que a escola tratasse o assunto, foi aplicado um questionário que estava composto de sete questões dissertativas e quatro questões objetivas, assim totalizando onze questões (Apêndice 01).

Sendo isso para reconhecer o problema e refletir sobre possíveis soluções, para um público integrado de jovens e adolescentes, como mostram os dados a seguir na tabela 01, que trata da identificação do público alvo do trabalho.

FAIXA ETÁRIA	ENTREVITADOS (Nº)	ENTREVITADOS (%)
MENINOS		
15 --- 16	2	2%
16 --- 17	16	18%
17 --- 18	14	16%
18 --- 20	2	2%
Σ	34	38%
MENINAS		
15 --- 16	4	4%
16 --- 17	28	31%
17 --- 18	14	16%
18 --- 20	6	7%
Σ	52	58%
S/ RESPOSTA	3	3%
TOTAL	89	100%

TABELA 01: Identificação por faixa etária e gênero.
 FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

A primeira questão levantada no questionário buscava informações sobre a identificação dos entrevistados. Com isso pode-se perceber que 52 pessoas, ou seja, a maioria dos alunos são do sexo feminino, já 34 pessoas são do sexo masculino e 3 entrevistados não responderam a esse questionamento.

A população entrevistada compõe uma faixa etária de 15 a 20 anos, e, em geral, esse público é composto por uma maioria com 16 e 17 anos de idade. Isso demonstra que o foco da pesquisa foi jovens estudantes do 2º ano do ensino médio.

O segundo questionamento realizado, foi uma questão aberta sobre qual o conhecimento que o entrevistado tem a respeito das drogas. Em geral pôde-se perceber que todos os entrevistados que responderam à questão sabem que as drogas causam danos à saúde, na vida social ou em família. Destacam-se a seguir, a opinião de alguns dos entrevistados, que foram selecionados a fim de confirmar o conhecimento que os alunos desta escola possuem.

A entrevistada “A” de 16 anos diz que conhece sobre drogas “Que é ilegal, que faz muito mal á saude e que destroi a vida da pessoa e da família tambem [sic].” Esta entrevistada reconhece que se envolver com drogas é crime, que o usuário corre sérios riscos de saúde e que ela traz sofrimento não só para o usuário, mas sim para toda a família. “A” ainda afirma no oitavo questionamento que não é e nem pretende se tornar uma usuária de drogas.

Já um entrevistado “B” também com 16 anos, afirma ser usuário de drogas. Porém sua resposta na segunda questão é vaga, pois simplesmente o mesmo diz que conhece “tudo” sobre drogas. No entanto, não complementou sua resposta nem para dizer um dos danos que a droga pode trazer. A opinião de “B” pode ser um referencial de que apesar de se dizer usuário, pode não ter amplo conhecimento sobre o assunto, ou mesmo negar-se a falar sobre ele. Um comportamento comum entre jovens usuários.

Uma terceira entrevistada (“C”) de 18 anos diz que a droga “traz muitas destruições no social e família da pessoa [sic].” E, também afirma ser usuária de drogas, ou seja, esta entrevistada tem consciência dos prejuízos que a dependência química traz para sua vida.

Com 18 anos o entrevistado “D” afirma no decorrer do questionário que não é usuário de drogas e também não pretende se tornar um, porém já experimentou maconha uma vez e ainda não tem nenhum conhecimento sobre drogas. Ao afirmar

isso, passa-se ao questionamento se a escola realmente vem cumprindo seu papel, uma vez que um aluno prestes a concluir o ensino médio coloca que não possui conhecimento sobre o tema.

A cerca do assunto Tiba (2007) discorre que a escola transmite informações às crianças, que caracterizam as drogas como coisas que só fazem mal, fazendo com que elas criem uma imagem ruim sobre as drogas, até o momento que a criança começa adquirir mais independência ou liberdade para estar frequentando festinhas, clubes ou a sair com os amigos. É neste momento que o adolescente fica sabendo de alguém que usa maconha e começa a se aproximar a fim de confirmar se o que aprendeu na escola quando criança é realmente verdade. E é aí que surge a incrível surpresa! Ao invés de encontrar uma pessoa destruída pela droga, encontra-se uma pessoa simpática e popular, que faz sucesso com a turma, negando o conhecimento a respeito do lado pior da droga que lhe foi passado pela escola enquanto criança. O perigo das drogas mora ao lado dos seus atrativos, ou seja, as sensações que ela pode provocar no usuário sob seu efeito.

De certa forma este entrevistado (D) é um “alvo” de fácil acesso para os aliciadores, por não possuir conhecimento acerca do assunto e que lhe possibilite maiores defesas contra investidas desse tipo de ofensivas. Também nesta fase “a influência dos pares passa a ser mais forte que a dos pais” (TIBA, 2007, p. 37). É então que a escola tem que cumprir seu papel, juntamente com apoio dos pais, na orientação aluno.

Isso ainda possibilita levar a hipótese de que talvez “D” não teria nem experimentado maconha se portasse um bom conhecimento sobre ela. Tanto a partir de orientações sociais e familiares, ou mesmo conhecimento escolar científico do tema.

O terceiro questionamento traz um levantamento sobre como anda a comunicação dos jovens a respeito do assunto e, de acordo com os dados, 42 entrevistados afirmam que conversam com alguém sobre drogas, 15 destes alunos disseram que não conversam com ninguém sobre drogas. Já 20 pessoas às vezes conversam com alguém sobre drogas, enquanto 12 deles, já conversaram com alguém sobre drogas. Destaca-se ainda que nenhum dos entrevistados responderam nunca ter conversado com alguém sobre o assunto como mostra o Gráfico 01, abaixo.

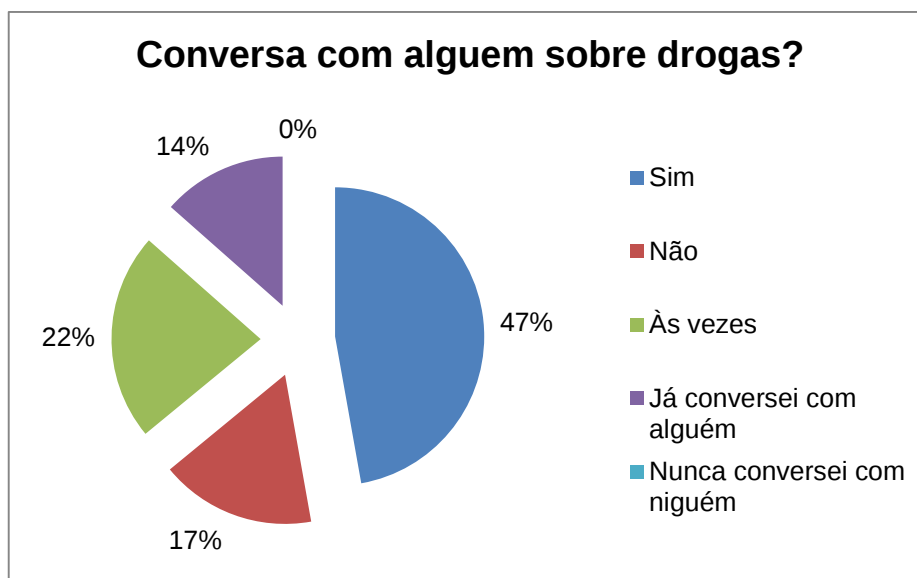


GRÁFICO 01 – Comunicação dos alunos sobre drogas
 FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

No quarto questionamento foi levantado se os entrevistados tinham dificuldades em falar sobre drogas. Onde 8 pessoas, responderam que possuem dificuldades em falar sobre o assunto. Dentre os alunos entrevistados que fizeram esta afirmação, a maioria justificou a dificuldade em falar sobre drogas, por falta de conhecimento sobre o assunto ou por nunca ter tido contato com elas.

É o caso da entrevistada “E” de 18 anos que justifica sua dificuldade “Porque, nunca, vi não sei muito sobre o assunto [sic].” Assim como a entrevistada “F” de 16 anos – “Porque eu nunca vi isso, e nem quero ver”. Já o caso da entrevistada “G” de 17 anos é bem diferente dos demais, ela afirma – “Porque eu uso as vezes e tenho vergonha para fala sobre o assunto [sic]”.

Quanto aos que responderam não ter dificuldade em falar sobre drogas, foram 81 pessoas. Desta categoria os entrevistados em geral justificaram suas respostas dizendo que não tem dificuldades em falar sobre o assunto, porque é atual e que está presente no cotidiano de todos, na televisão, nos jornais e no mundo.

Pode-se notar, que há também aquelas pessoas que gostam ou procuram falar sobre as drogas sempre que encontram uma oportunidade para alertar ou ajudar um amigo ou pessoas que estejam necessitando, como a entrevistada “H” de 15 anos, que apesar da idade já apresenta uma atitude admirável afirmando que “eu não tenho receio com quem usa, e ja tenho uma mente mais aberta, e eu gosto de ajudar porque um simples conversa as vezes ajuda [sic]”. E a entrevistada “N” de 19 anos – “Porque sou muito comunicativa e gosto de abrir a mente de pessoas que sei que está nessa

vida [sic]”. Pessoas como estas, fazem toda a diferença na recuperação de usuário de drogas, já que como visto anteriormente a influência dos amigos e colegas nessa etapa, pode atingir mais resultados do que a interferência familiar como visto em Tiba (2007).

Um fato preocupante percebido entre os alunos entrevistados foi que a maioria trata as drogas como uma coisa normal e que está presente no cotidiano deles. E, mesmo que a maioria destes adolescentes não use, as drogas sendo tratadas com tanta normalidade entre estes jovens pode aumentar o risco deles estarem experimentando e conseqüentemente se tornando dependentes de alguma delas, de acordo com a justificativa da entrevistada “I” de 16 anos que admite não ter dificuldade de falar sobre drogas – “Porque é um assunto muito comum, normal. [sic]”

Igualmente pode-se ser observada a opinião da entrevistada “J” também de 16 anos – “por que já faz parte do dia-a-dia das pessoas [sic]”. Isso pode representar a impressão de que as pessoas não se preocupam com a gravidade do assunto e aos poucos estão aceitando a presença das drogas na sociedade, como também é expresso na fala da entrevistada “K” de 17 anos – “Porque é uma coisa que é normal hoje em dia, muitos alertam nas escolas.

Felizmente, entre os jovens e adolescentes existem pessoas que não se deixam enganar pelas más companhias e que fazem a diferença por onde passam, como é o caso do entrevistado “L” de 17 anos, que com toda sua firmeza respondeu – “Porque eu conheço e não preciso disso para minha vida [sic]”.

Um outro entrevistado ao responder esta questão, expressou uma característica que na adolescência pode ser uma qualidade em busca de informações e ao mesmo tempo um perigo, uma armadilha, em se tratando de drogas. A curiosidade. Isso pode ser percebido com o entrevistado “M” de 17 anos que ao responder – “Porque eu preciso saber os males para não usar [sic]” - faz com que o leitor interprete que ele tenha vontade de usar drogas ou já tenha usado, mas ainda tem medo das conseqüências, uma vez que nas questões 6 e 7 “M” afirma que teve contato com drogas e já aos 12 anos teve várias experiências com bebidas alcoólicas.

Por outro lado, a qualidade da curiosidade no questionário da entrevistada “P” de 16 anos que ao dizer – “Não tenho um pinga de vergonha de adquirir conhecimento sobre o assunto [sic]” – demonstra que além de ser curiosa também tem atitude, e, é isso que faz com a sua resposta se destaque dentre as demais. Já a entrevistada “O”

de 18 anos, diz não ter dificuldade em fala sobre drogas, mas ao justificar sua resposta, ela deixa claro que pelo menos uma vez, sua família já viera a sofrer por causa das drogas - “Pois minha irmã foi usuária e foi muito difícil [sic]” – confirmando que a droga afeta toda a família e não só aquela pessoa que a usa, como já havia sido discutido com aporte de referenciais teóricos anteriormente.

Na quinta questão, os entrevistados foram questionados se já tiveram contato com dependentes químicos. Onde 40 pessoas, afirmaram que sim, já tiveram contato com dependentes químicos, enquanto 15 pessoas disseram que pelo menos uma vez já tiveram contato com usuários de droga. Já 6 dos entrevistados, responderam que às vezes ainda se comunicam com dependentes químicos e 7 alunos afirmaram ter contato frequentemente com dependentes químicos. Por fim, 21 destes jovens afirmaram que nunca tiveram contado com dependentes químicos, como mostra o Gráfico 02 abaixo.

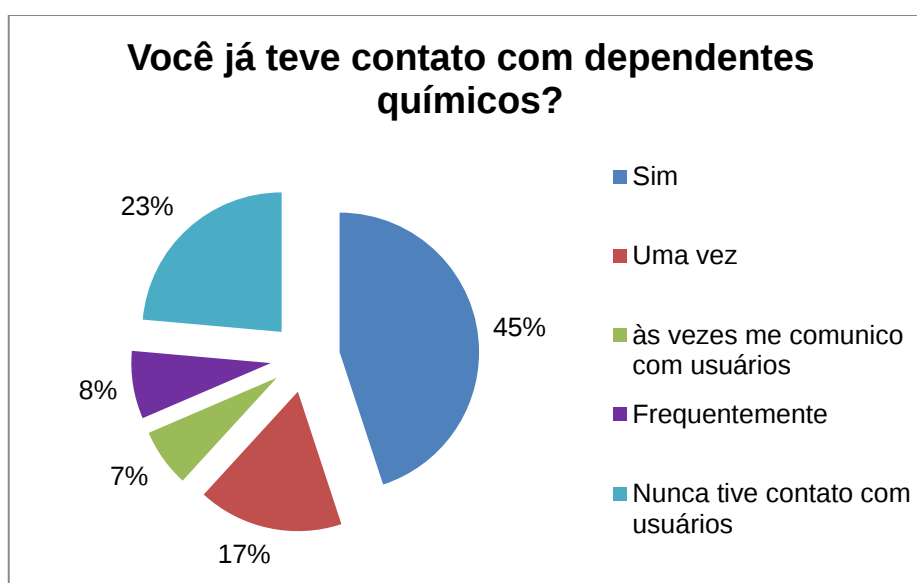


GRÁFICO 02 – Contato com dependentes químicos.
FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

Destes entrevistados que dizem manter contato frequente com dependentes químicos, existe a possibilidade dos dependentes serem algum membro da família ou um amigo(a) muito próximo. Isso porque no dia em que o questionário foi aplicado, algumas das pessoas que o responderam principalmente do sexo feminino se sentiram curiosas a respeito do assunto e de alguma forma viram uma oportunidade de buscarem informação, pois fizeram perguntas como: “Como que uma pessoa

passa a se comportar depois que se torna usuário de drogas? Quantas vezes a pessoa precisa usar para se viciar? Que droga é a mais forte?”.

Já a questão 6 busca saber dos 89 entrevistados se eles já tiveram algum contato com drogas, sendo que 11 pessoas, responderam que já tiveram algum contato com elas e 78 dos entrevistados afirmaram que até o momento não tiveram nenhum contado com as drogas, como observável no Gráfico 03 abaixo.

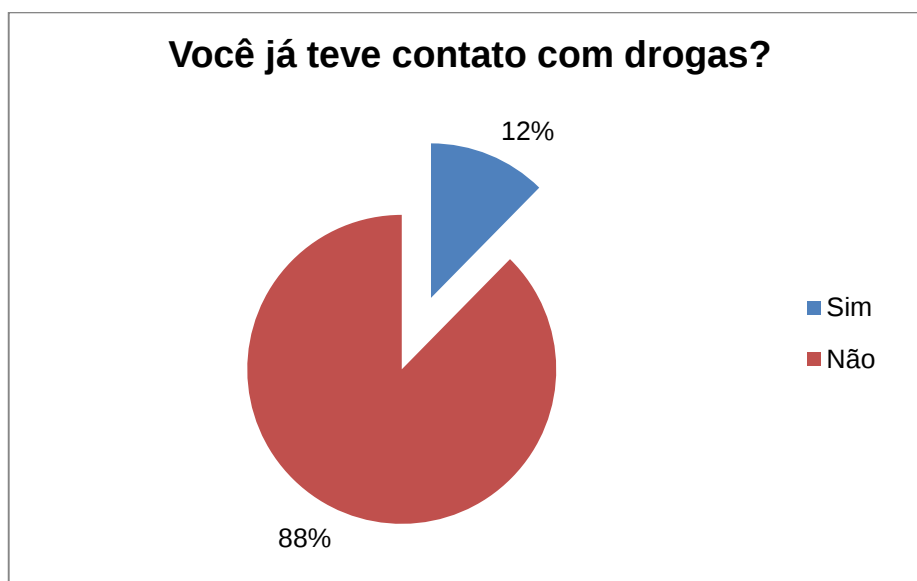


GRÁFICO 03 – Contato com drogas
FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

O sétimo questionamento é composto de sete questões objetivas² (pode ser observado no Anexo) e que busca saber dos alunos que são usuários ou já usaram algum tipo de droga dados sobre essa(s) como: qual a droga que experimentaram?; quantas vezes?; com que idade?; quais as reações da droga?; se já pensou em parar?; e quais as dificuldades encontradas ao tentar parar de usar drogas?.

Como foram identificados poucos casos de usuários na escola, vários alunos deixaram estas perguntas sem resposta, porém houve alguns entrevistados que admitiram que pelo menos uma vez na vida já experimentaram algum tipo de droga (álcool, cigarro ou maconha). Dentre estes está o entrevistado “B” de 16 anos, que afirmou ter experimentado vários tipos de drogas, por várias vezes desde os 15 anos de idade. Porém, ao dizer que parou de usar drogas e não ter encontrado nenhuma

² Nesta questão há várias perguntas que se interligam e seus marcadores são: primeiro questionamento, número sete (7) e os outros questionamentos possuem marcadores com letras do alfabeto, que iniciam na letra “A” e seguem até a letra “F”.

difficuldade, ele entra em contradição como sigo mesmo na questão 8, onde afirma que ainda é usuário de drogas.

O entrevistado “D” de 18 anos, disse que já experimentou maconha aos 16 anos, mas não gostou da droga, pois em relação aos efeitos causados por ela, o mesmo afirma que “você fica em outro mundo [sic]”.

Nesta mesma questão, também há algumas perguntas direcionadas tanto para pessoas usuárias ou que abandonaram o uso, quanto para pessoas que nunca usaram nenhuma droga, como por exemplo, se os professores trabalham sobre o assunto na escola e como isso é feito. A maioria dos entrevistados responderam que os professores não trabalham sobre o assunto ou que só trabalham quando há alguma palestra na escola e que alguns poucos professores falam a respeito das drogas. Isso pode ser visto de acordo com entrevistado “D” ao responder se os professores trabalham e como trabalham o assunto das drogas: “As veiz, só quando vem palestrante [sic]”.

Quando perguntados como gostariam que o tema (drogas) fosse trabalhado na escola, em geral os entrevistados acreditam que as palestras podem ajudar. No entanto, para o Dr. Dartiu Xavier da Silveira (Psiquiatra, coordenador do Programa de Orientação e Atendimento a Dependente – PROAD) em entrevista concedida para o livro “Que Droga é Essa?”

A palestra não funciona. Ela funciona para o grupo de professores, para o grupo de pais, no sentido de elucidar, de tirar preconceitos, mas ela não vai levar a uma mudança de comportamento efetiva no usuário, no dependente (SILVEIRA, 2003, p. 188)

Segundo a entrevistada “A” de 16 anos, ela gostaria “Que fosse trabalhado não só em palestras, mas no dia a dia em sala de aula.” Esta entrevistada deixa claro que só as palestras não são suficientes para alertar os jovens quanto ao perigo das drogas, é preciso que algo a mais seja feito, como por exemplo, que um ex-usuário de drogas fosse à escola para estar esclarecendo e tirando dúvidas dos estudantes em relação ao assunto. Essa foi uma sugestão muito presente nesta questão e também citada por alunos ao entrevistador depois da aplicação do questionário em algumas salas de aula, sendo a maioria desses alunos do sexo feminino, e que demonstraram grande curiosidade a respeito do tema.

Ainda foi possível notar que de acordo com os questionamentos curiosos, a falta de conhecimento, pois para muitos alunos, seu conhecimento se restringe à saber que as drogas fazem mal a saúde e que é crime se envolver com elas.

Pode-se afirmar que estão certos neste ponto, porém eles queriam saber mais detalhes a respeito do comportamento de quem começa a usar drogas, quais os efeitos, por que usar drogas, como se consegue, por que não liberar já que é tão difícil conter o tráfico, como ajudar um amigo usuário, o que dizer para um amigo usuário descontente com a vida.

Enfim, pode-se perceber que os jovens entrevistados na escola, buscam conhecimento acerca do assunto. Porém, a principal fonte que lhes interessa ainda não está acessível a eles, ou ao menos não foi possível até então: uma conversa franca e direta com ex-usuários de drogas. Pois, conforme os próprios entrevistados, o que é dito nas palestras, sempre se repete, e fica na teoria; e os alunos querem saber diretamente de quem já teve experiência e conseguiu se desvencilhar do vício.

As opiniões foram diversas quando questionados a respeito de como o problema das drogas pode ser resolvido nas escolas. Com tantas opiniões diferentes não é possível dizer um ponto em comum entre elas, pois os entrevistados acreditam que o problema pode ser resolvido com mais conversas, segurança nas escolas, denúncia de possíveis casos, maior rigidez por parte da direção ou que ela tenha mais controle sobre a escola, que o governo libere o uso de drogas, etc. Cada um dos entrevistados teve seu ponto de vista. Com isso também pode se perceber que os alunos ainda divergem e confundem a prevenção e orientação, com punição e fiscalização.

Já a oitava questão busca identificar possíveis usuários na escola. Como mostra o Gráfico 04 a seguir (página 34), que dentro da população pesquisada, 3 pessoas assumiram ser usuárias de drogas; enquanto 1 pessoa respondeu que não é usuário, porém, ainda pretende se tornar; e 85 alunos afirmam que não são usuários e nem pretendem um dia se tornar.

Se for observado com atenção, o quarto gráfico possui informações que mostram como os grupos de usuários de drogas podem crescer na escola. Sendo que na amostra de 89 pessoas pesquisadas, 3 se assumiram usuárias e há 1 pessoa que pretende se tornar. Então, para o número de usuários aumentar, basta que quem pretende usar se aproxime de quem já usa, e, como todos os alunos se encontram

todos os dias na escola, as chances do pretendente se tornar usuário são consideravelmente preocupantes.

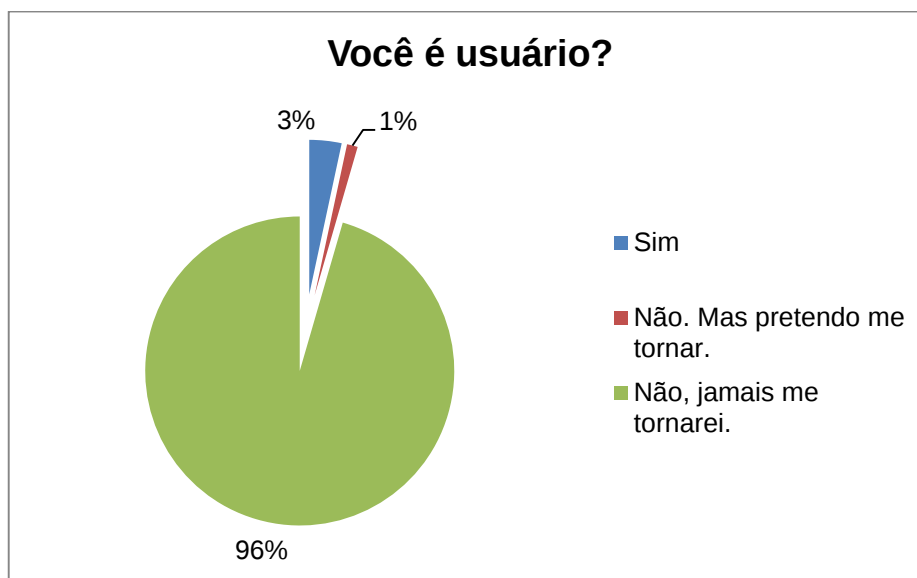


GRÁFICO 04 – Identificação de possíveis usuário de drogas
 FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

Ainda houve o questionamento sobre como os alunos imaginam o futuro de um usuário de drogas. Sendo, que nesta questão foi permitido que os entrevistados marcassem até 4 opções dentre as apresentadas (ver Anexo 01). Com este questionamento foi possível notar que 1 pessoa imagina o futuro de um usuário de drogas, como sendo popular, e 4 pessoas imaginam o futuro de um usuário como sendo respeitado na rua. Já 5 pessoas, veem o futuro usuário de drogas rico e traficando, e novamente 1 pessoa imagina que futuramente o usuário de drogas venha ter uma linda família.

Em contrapartida 52 pessoas, entendem que o futuro de um usuário de drogas possivelmente será como excluído da sociedade; e 49 também marcaram a opção que caracteriza o futuro do usuário de drogas como perdido pelo mundo. Enquanto isso, 19 pessoas imaginam o futuro do usuário de drogas como um assassino (matando). E, por fim, a maioria dos entrevistados, 56 pessoas, acreditam que o futuro dos usuários de drogas possivelmente estará marcado pela morte. Veja o Gráfico 05 abaixo.

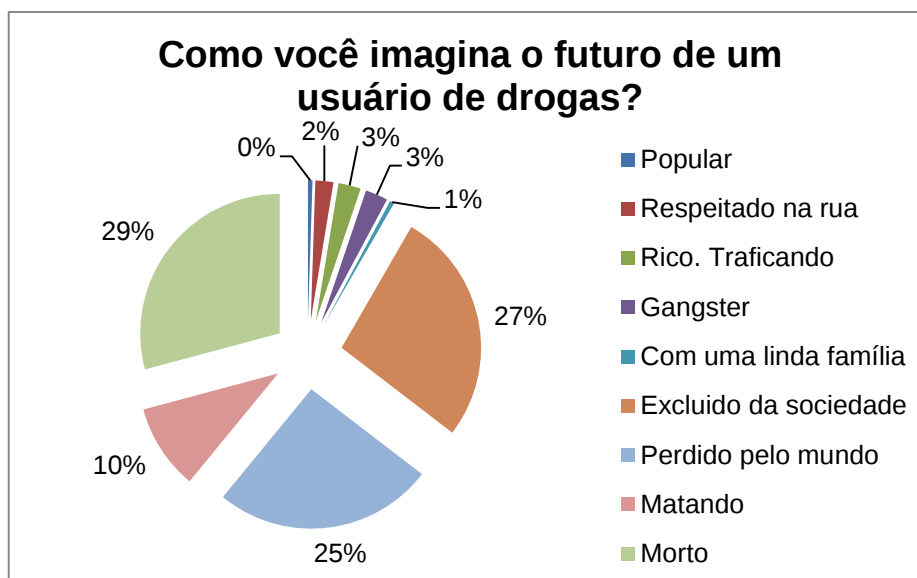


GRÁFICO 05 – Possível futuro de um usuário de drogas.
 FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

De acordo com estes resultados, pode-se dizer que de forma geral a falta de conhecimento sobre drogas entre os alunos do ensino médio da escola pesquisada, ainda é grande. Segundo eles, o trabalho desenvolvido de forma superficial pela escola é a causa do desconhecimento, ou seja, as formas tradicionais de trabalho, como é o caso das palestras, para a maioria dos entrevistados não é o suficiente em um trabalho de prevenção.

Com isso também entende-se que para que seja realizado qualquer trabalho de prevenção numa escola, é necessário que pais, alunos, professores, coordenadores e direção da escola trabalhem em juntos, e, a fim de compreender o porquê da falta de conhecimento sobre drogas por parte dos alunos questionados. Com isso também sentiu-se necessário consultar alguns professores e coordenadores, que são partes fundamentais para o bom funcionamento da escola.

3.2 A visão dos professores

A entrevista realizada com 6 professores (de diferentes áreas de atuação), através de questionário escrito (Apêndice 02), visa o entendimento de questões fundamentais para que eles possam estar realizando um trabalho de prevenção às drogas. Como exemplo questionou se os professores estão preparados para lidar com o tema, se conseguem identificar um usuário em sala, quais as principais dificuldades

encontradas para abordar o tema na escola, se já possuem alguma experiência com o assunto, entre outras.

A primeira questão destinada à identificação da área de atuação dos professores entrevistados, permitiu reconhecer que aqueles que participaram do estudo atuam em diferentes áreas do conhecimento.

Já a segunda questão, buscava saber se os professores tinham problemas com as drogas na escola em que trabalham. Dentre as alternativas, 4 professores disseram que sim, às vezes têm esse tipo de problema; entre os outros 2 professores, 1 revelou que frequentemente tem problemas com drogas na escola e outro disse que não tem esse problema em seu local de trabalho. Conforme mostra o gráfico 06 abaixo.

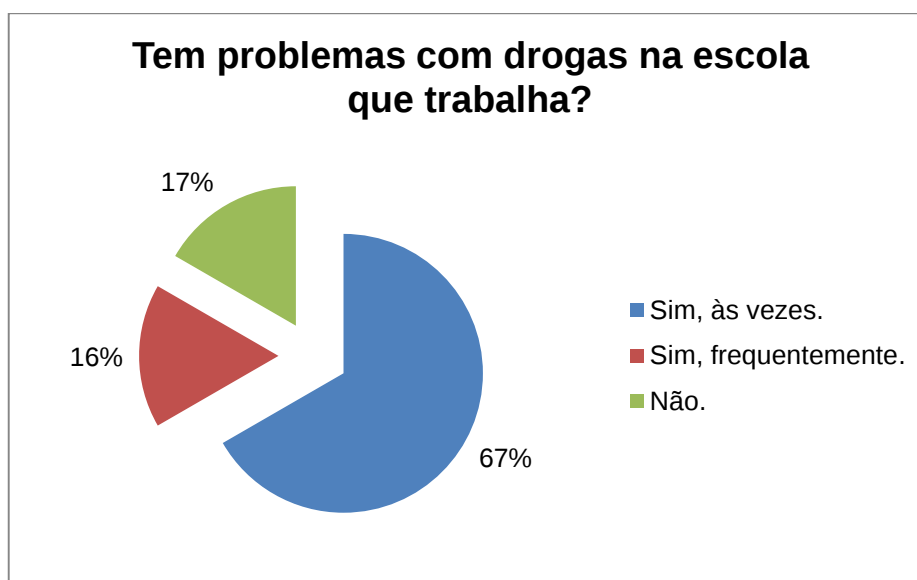


GRÁFICO 06: Problemas com drogas na escola
FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

Na questão três, os entrevistados foram questionados se já lideram pessoalmente com alunos usuários de drogas. Sendo que 2 professores afirmaram que sim, pelo menos uma vez e 1 professor respondeu que já teve que lidar pessoalmente com alunos usuários várias vezes. Nenhum professor dissera que sempre lida com alunos assim caracterizados e 3 professores, afirmam ainda não tiveram que lidar com alunos usuários de drogas. Veja o gráfico 07 a seguir.

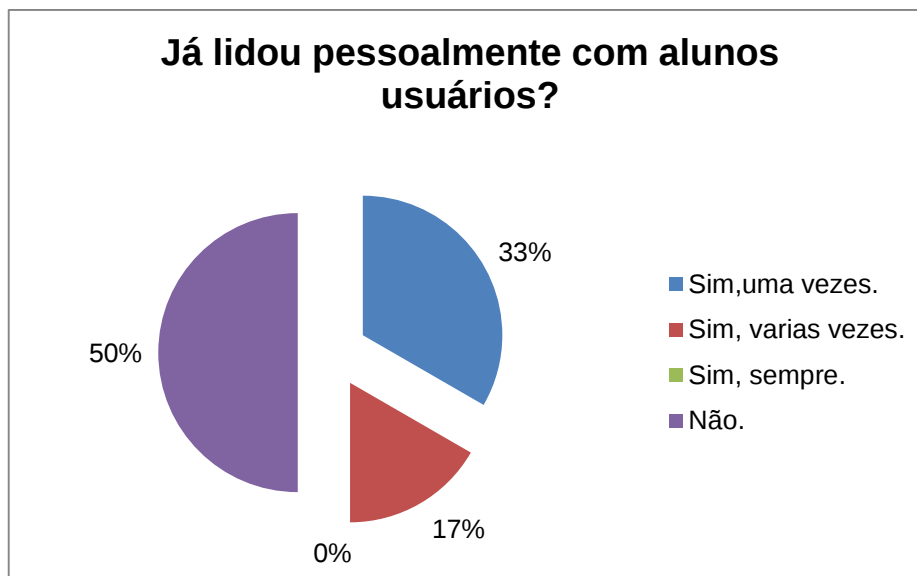


GRÁFICO 07: Contato entre professor e alunos usuário de droga.
 FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

O quarto questionamento busca saber dos professores se eles conseguem facilmente identificar o aluno usuário de droga, sendo que 3 deles disseram que identificam facilmente um aluno usuário, já outros 3 entrevistados não conseguem estar identificando possíveis usuários em suas salas de aula. Isso talvez seja um sinal de que os professores também necessitam ser melhor preparados para poder identificar esse problema na escola.

Na quinta questão alguns professores expuseram as características que conseguem notar no aluno quando este passa a se envolver com drogas. Dentre as várias características apontadas, de modo geral, os professores citaram a mudança radical de comportamento como sendo a mais comum e marcante. Em seguida vem o desinteresse pelas atividades cotidianas, sonolência, olhos vermelhos, agressividade e falta de motivação para os estudos.

A sexta questão realizado aos professores trata de uma dúvida muito presente entre os próprios alunos entrevistados, como já foi comentado anteriormente: “entre as drogas mais consumidas, cigarro, álcool, maconha e cocaína, qual é a pior? Qual pode causar os piores danos ao jovem”. Segundo o professor A, “a cocaína, porém todas causam danos, tanto na saúde, quanto na vida social e também no psicológico”. Já de acordo com opinião do professor B “todas elas são prejudiciais, pois as mesmas causam doenças e na maioria das vezes são incuráveis, levando até mesmo à morte”. Mas, outros professores consideram o álcool como sendo uma droga lícita, a pior das drogas, pois segundo eles, podem causar danos mais severos ao jovem.

O sétimo questionamento, busca descobrir dos entrevistados se eles se sentem preparados para abordar o assunto na escola. Onde dos 6 professores entrevistados, 5 deles disseram que se sentem preparados para lidar com o assunto. Enquanto apenas um, revela que não se sente preparado, mas busca fazer o possível para ajudar um aluno envolvido com o problema.

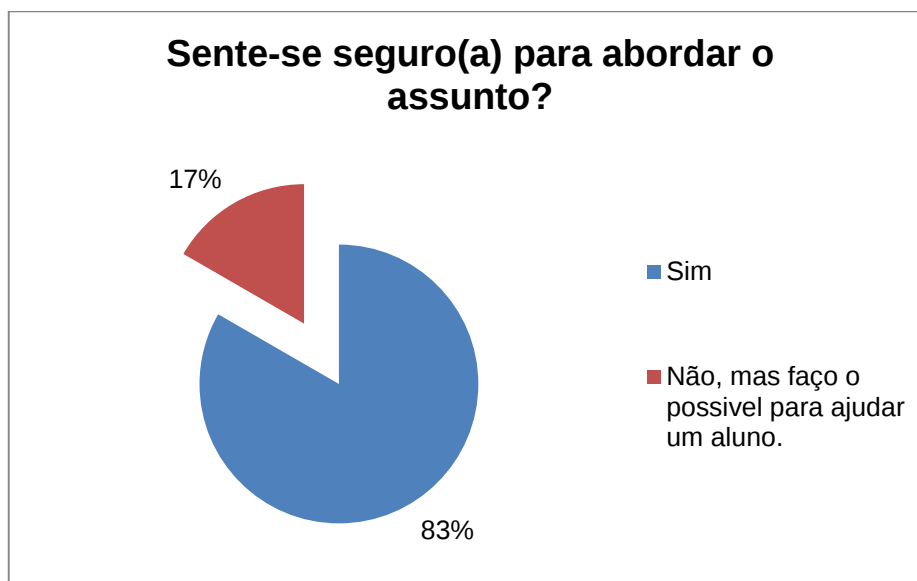


GRÁFICO 08: Segurança na abordagem do assunto drogas.
FONTE: RODRIGUES, Leandro Elvis.

A questão oito visa saber se os professores sabem lidar com o assunto na escola, confirmando que 4 professores, afirmam que sabem lidar com o assunto e que já se acostumaram com ele; 1 professor(a), respondeu que sabe lidar com o assunto, porém não sente segurança para isso. Já 1 outro professor(a) assume não saber lidar com o tema drogas em sala, no entanto reconhece que é necessário lidar com este tema.

O nono questionamento busca saber dos professores se trabalham a temática das drogas em sala, e como o fazem. Dos 6 professores entrevistados, 5 deles responderam que já trabalharam a temática em sala, através de trabalhos, situações em que os próprios alunos interrogam o professor, debates em sala ou até mesmo por alguns projetos na escola, que são citados logo mais na próxima questão. E, 1 dos professores disse que ainda não trabalhou sobre as drogas em suas aulas.

A décima questão trata de descobrir qual projeto específico que a escola tem para trabalhar o tema das drogas. Com base nas respostas de 4 professores, existem sim alguns projetos, sendo eles: “A vida não é só ecstasy [sic]”; “Drogas: prevenção

na escola [sic]”; “socioeducacional e projeto apoio pedagógico [sic]”. Porém, outros professores não sabem da existência destes projetos, pois, ao responder a décima questão (“A escola tem projeto específico sobre o tema? Qual?”), somente afirmaram a existência de um projeto, mas não souberam dizer o nome do mesmo. Isso pode demonstrar uma deficiência na articulação do tema entre os profissionais e disciplinas.

Quanto ao questionamento como seria a abordagem ideal sobre o assunto em sala, como relata a décima primeira questão, há professores que preferem deixar para falar a respeito de drogas quando os próprios alunos tomam iniciativa e os questionam. Outros acreditam na palestra, em uma situação que possa vir a proporcionar uma abordagem independente se é a ideal ou não. Ainda destaca-se que um dos entrevistados não respondeu ao questionamento, o que pode evidenciar um desconhecimento ou até desinteresse com a questão.

Já a décima segunda pergunta do questionário, busca entender quais as dificuldades encontradas pelos professores ao abordar as drogas como tema de discussão em sala. Os resultados revelam que 50% dos profissionais entrevistados afirmam que o despreparo com a situação é a pior dificuldade encontrada por eles e, por causa disso alguns preferem deixar que o assunto seja trabalhado por outros, como relato por um dos entrevistados – “as vezes deixamos pra depois, e existem profissionais mais preparados, deixamos a eles. Temos que ter conhecimentos mais profundos sobre o assuntos”, ou porque “alguns profissionais da educação ainda não estão preparados para trabalhar este assunto”.

Ainda a insegurança em tratar do tema também pode ser um dos motivos de não abordá-lo. Isso se evidencia na fala de um dos professores – “o que me causa medo ao abordar o assunto é a reação do aluno”.

No decimo terceiro questionamento os professores foram perguntados se “entendem que os alunos têm esclarecimentos sobre o assunto?”. A maioria dos professores entendem que os alunos possuem sim conhecimento sobre as drogas, como demonstram as respostas de alguns entrevistados: “A maioria tem conhecimento, visto que este assunto é sempre abordado na sala de aula por muitos professores [sic]”; “Sim, os alunos conhecem o assunto melhor que qualquer um, sabem onde vendem, quem usa e etc. [sic]”; “Alguns tem conhecimento, mas não ligam muito [sic]”. Já outro entrevistado possui opinião divergente - “a maior parte dos

alunos não sabe a consequência que as drogas trazem e quando digo isso falo principalmente do cigarro e a bebida alcoólica”.

De acordo com estes resultado torna-se possível a realização de uma comparação de opiniões entre os professores que acreditam que pelo menos a maioria dos alunos tem entendimento a respeito das drogas, com os que afirmam que estes mesmo alunos ainda não tem conhecimento suficiente para se prevenir delas.

A questão 14 busca saber a opinião dos professores sobre quais as funções da escola com o tema das drogas, e, segundo os entrevistados pode-se “tentar orientar os adolescentes para que não consumam esses tipos de drogas [sic]”. No entanto “a escola como instituição social deveria ter pessoas capacitadas para atender determinadas situações o que não ocorre porque não há profissionais que atendam essa necessidade. Por outro lado criar projetos é uma solução [sic]”.

No décimo quinto e último questionamento, os professores opinaram a respeito de quais as funções que cada um deles possui em relação ao problema das drogas na escola. De acordo com os resultados a maioria dos entrevistados acreditam que o professor pode exercer o diálogo em sala de aula para estar alertando os alunos quanto ao perigo das drogas.

3.3 A visão da coordenação

Contudo, para a melhor compreensão dos resultados obtidos até aqui, foi necessário que a coordenação também fosse ouvida (Apêndice 03). Já que esta também é fundamental para o funcionamento da escola.

Ao se deparar com o primeiro questionamento acerca de qual o posicionamento da escola sobre o tema drogas, foi logo relatando que “é necessário mais acompanhamento por parte dos pais; conhecimento através de palestras, cursos [sic]”.

Com isso, mais um problema que a escola tem que enfrentar no seu dia-a-dia é revelado, pois os pais dos alunos não acompanham a vida escolar de seus filhos, o que muitas vezes acaba dificultando as condições para que a escola possa estar desenvolvendo um bom trabalho com os adolescentes. Para Cotrim (1998, p. 28) uma das vertentes básicas para a modificação das condições de ensino é o envolvimento dos pais em atividades curriculares, ou seja, os pais precisam se fazer presente na vida escolar dos filhos.

Na segunda e terceira questão, a escola foi questionada sobre prevenção às drogas, e qual o nome do programa específico trabalhado pela escola. E, de acordo com os resultados obtidos, a escola tem um projeto chamado “Prevenção de drogas” que é trabalhado com os pais dos alunos e em sala de aula através do professor.

Na quarta questão a escola afirma que o motivo para se desenvolver um projeto de prevenção às drogas, se deu devido a necessidade própria e não por imposição de órgãos ou da Secretaria de Educação. Isso pode demonstrar que a escola tem problemas com a presença de substâncias químicas em suas dependências e a necessidade de resolver o problema, ou ainda, o reconhecimento de que esta é uma discussão fundamental dentro do contexto escolar, podem ter resultado na criação do projeto Prevenção às drogas.

A escola ainda revela desconhecer a realidade vivida pelos alunos fora do ambiente escolar, reconhecendo apenas o problema em seu ambiente interno. No entanto, sabe-se que essa é uma questão a ser averiguada com maior cuidado, e que exige um olhar extra muros.

Por fim, o resultado da sexta e última questão revela que a escola não possui um levantamento ou acompanhamento sobre alunos dependentes químicos ou com envolvimento com drogas. O que também pode dificultar o trabalho com o assunto, ou uma ação mais efetiva.

Com isso entende-se que pode-se ir além, e reconhecer que a escola (como instituição) deve seguir por caminhos muito mais aprofundados a respeito do tema, buscar realizar ações mais efetivas que de fato deem à questão das drogas a relevância que realmente necessite.

3.4 Como o tema pode ser trabalhado na escola

Com o estudo percebeu-se que os adolescente sabem onde encontrar drogas (lícitas e principalmente ilícitas) e usuários, porém, em sua maioria não sabem as consequências de se consumir drogas lícitas ou não. Pode significar que o entendimento que os alunos possuem é um conhecimento popular e superficial, o que pode aumentar o risco de envolvimento com diversos tipos de drogas, principalmente as lícitas que possuem maior facilidade de acesso.

Para Júnior (1998, p. 40) “a escola é um ambiente social adequado e propício para desenvolver a problematização da temática, discutindo e elaborando estratégias

de informação, orientação e intervenção para uma educação preventiva”. Sendo o ambiente escolar um lugar desenvolvedor de educação, deve desenvolver uma educação preventiva por conter uma grande concentração de alunos adolescentes frequentemente, o que facilita o contato a tal grupo social para se estar trabalhando através de métodos adequados à realidade local. Conforme Dorot Wallach Vereá psicóloga do PROSAM (Associação Pró-saúde Mental) em entrevista concedida ao livro “Que droga é essa” (VEREA, 2003, p. 178), “o trabalho de prevenção deve ser construído a partir da realidade local, podendo ser destacados temas como violência, sexualidade, drogas, dependendo dos recursos disponíveis e dos alunos”.

Contudo, apenas desenvolver um projeto de prevenção às drogas não basta, se a escola não tiver conhecimento acerca do público ao qual ele é destinado, é preciso fazer um

Levantamento diagnóstico [...] obter dados relativos à situação socioeconômica e educacional das famílias, à identificação dos fatores que influenciam ou causam o uso de drogas, bem como dados relacionados com os aspectos psicológicos, afetivos e emocionais dos alunos. (JÚNIOR, 1998, p. 42).

A partir de então é que se passa desenvolver um método de trabalho voltado para a educação preventiva com a participação de alunos, pais, professores e a comunidade escolar e social em geral.

Partindo da concepção de prevenir através da informação para construção de conhecimento, torna-se possível compreender a importância da participação conjunta de alunos, pais e professores na ação de prevenir a juventude em relação às drogas.

Tendo, por exemplo, a palestra como parte de um projeto de prevenção, o palestrante deve ser interativo com o público, pois “palestras meramente expositivas têm pouca eficácia em contraste com palestras interativas” (TIBA, 2007, p. 202), onde o público pode participar tanto fazendo perguntas como também expondo pontos de vista. E, com um público diversificado (alunos, pais e professores) a construção de conhecimento se enriquece com a participação de cada indivíduo, fazendo com que as informações transmitidas pelo palestrante não fiquem isoladas no cérebro, informação isolada não resolve e o cérebro pode terminar por descartá-la, ou seja, esquecer tais informações.

Já o envolvimento da sociedade nos movimentos de prevenção é fundamental devido à importância dada pelos jovens aos pares, como visto anteriormente. Pois, “a

escola [...] é uma minissociedade. [...] Tudo o que tem fora, na sociedade, tem dentro da escola [...]" (VEREA, 2003, p. 177).

Para chamar a atenção da sociedade em geral, a escola pode dedicar uma semana por semestre a realizar

Shows, palestras, exposição de trabalhos dos estudantes, com prêmios aos melhores, escolhidos por um comitê misto de professores e alunos eleitos pelos próprios alunos; um especialista em drogas é convidado, além de outros eventos que variam conforme as particularidades locais e a criatividade dos organizadores. (TIBA, 2007, p. 203).

Com isso, a escola trabalha a temática dando oportunidade à participação tanto de jovens estudantes como também daqueles externos ao ambiente escolar, de uma forma interativa e descontraída, em se tratando do tipo de show realizado e a torcida na escolha dos melhores. Ainda não deixando de ser um trabalho sério, devido a presença de pessoas especialistas no assunto, que podem esclarecer dúvidas das mais simples às mais complicadas, tanto do interesse da juventude como também dos pais e professores. Assim, sendo um trabalho sério e atraente para diversos tipos de público.

O autor ainda continua e sugere que para haver um maior envolvimento da escola num evento de prevenção ao uso de drogas, que uma boa ferramenta é a instalação de uma urna numa área central da escola de acesso a todos os alunos, para eles possam dar suas sugestões para a realização de tal trabalho, fazer perguntas referentes ao assunto, não sendo necessária a identificação destes alunos. Com esta sugestão, Tiba (2007, p. 204) esclarece que "a ideia é colher material anônimo, para fazer com que os alunos se interessem em falar e refletir sobre o tema", sem mencionar que pode ser também uma forma da escola se manter atualizada em relação aos pensamentos de seus alunos no decorrer dos anos.

Entretanto,

A implementação de uma educação preventiva contra as drogas requer um eficiente planejamento de atividades a serem desenvolvidas pela escola. [...] a escola deve [...] repensar o programa de conteúdos e objetivos das disciplinas, de modo que o problema das drogas seja contemplado; conhecer o grau de disseminação das drogas entre os alunos; possuir materiais didáticos como livros e vídeos especializados e atualizados sobre o tema, e, ainda, conseguir aglutinar alunos, pais, professores, funcionários, direção e especialistas em torno da discussão da temática. (JÚNIOR, 1998, p. 41).

Contudo, nota-se que a escola precisa pensar e trabalhar muito para chegar a desenvolver um projeto eficaz de prevenção ao uso de drogas entre adolescentes, mas, para isso ela precisa da participação dos pais, professores, especialistas, colaboração da sociedade, etc. Independentemente de todo o trabalho e dificuldades que a escola possa encontrar na elaboração de um projeto deste porte, ela precisa agir de acordo com suas obrigações, como confirma Içami Tiba.

A escola tem por obrigação capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. Queira ou não, seus alunos estarão em contato com as drogas. Diretamente, por meio de pessoas que as usam ou com informações que bombardeiam o cotidiano deles. A escola precisa ajudá-los a fortalecer a opinião contrária ao uso. (TIBA, 2007, p. 202).

Mobilizando-se o mais rápido possível, pois como já visto anteriormente na análise dos resultados do questionário aplicado aos alunos, eles tem vontade e precisam adquirir conhecimento a respeito das drogas, seja para si próprio ou para ajudar um amigo.

Apesar de se reconhecer que a escola deve cumprir com seu papel de formação e orientação, se entende que o sistema escolar como um todo deve estar comprometido, dando todo o suporte necessário aqueles que desenvolvem trabalhos nessa orientação.

4 CONCLUSÃO

De acordo com as opiniões citadas, não se deve condenar a escola ou os professores pela falta de preparo dos mesmos em relação ao trabalho de prevenção às drogas, pois se estão despreparados ou inseguros para lidar com um tema atual, é decorrência das falhas na área da educação como um sistema complexo. Como esclarecem os artigos 205 e 206 da Constituição Federal Brasileira (SENADO FEDERAL, 2013, p. 42) – educação pública, gratuita e de qualidade é direito de todos e dever do estado e da família... – ou seja, se há a necessidade de resolver o problema, é porque o próprio Estado não está cumprindo com sua obrigação definida por Lei e a família (pais ou responsáveis) que também deixa a desejar com a sua real parcela de participação na vida escolar dos adolescentes e jovens estudantes.

Com certeza os atuais profissionais não estariam inseguros e muito menos com medo de abordar um dos temas mais polêmicos e complexos da atualidade, se houvesse interesse por parte do governo estadual em preparar profissionais para lidar com a realidade vivida nas escolas.

Contudo, é necessário citar a importância da presença da família na vida do jovem adolescente, para preveni-lo quanto ao perigo das drogas e orientá-los quanto às más companhias para que ele futuramente não venha se tornar usuário.

Por outro lado, um bom trabalho de prevenção ao uso de drogas na escola, pode causar resultados positivos na formação de conhecimento dos adolescentes e dos próprios pais. Isso para que possam orientar corretamente seus filhos para que não se envolvam com as drogas, ou até mesmo ajudar os pais daqueles que já são usuários na sua recuperação.

Porém, de acordo com os resultados da pesquisa realizada com alunos, professores e coordenação de tal escola de Ensino Médio de Juína-MT, revela a realidade vivida na escola, sendo que em geral os adolescentes revelaram possuir apenas conhecimentos populares sobre as drogas e ainda assim, confusos com o que dizem.

Os alunos entrevistados expressaram claramente, grande interesse pelo assunto em questão, saber por que e como é possível alguém se tornar tão dependente a ponto de perder a própria razão, como ajudar amigos ou parentes a se livrar da dependência química, etc. Já para outros, a busca por conhecimento sobre

as drogas é proveniente do simples fato de encontrar um motivo convincente para não aderir ao uso delas.

Com tantas curiosidades, os alunos pedem que a escola ou professores, dê a eles a oportunidade de ter uma conversa franca com ex-usuários de drogas, pois de acordo com os resultados obtidos, sentem a necessidade de saber o que as drogas podem causar, diretamente de quem já sofreu com experiências pessoais. No entanto, todos os alunos entrevistados reconhecem que não vale a pena usar drogas, pois o futuro de um usuário, para a maioria deles está relacionado à graves e negativas consequências.

Já a maioria dos professores entende que os alunos possuem uma boa bagagem de conhecimento sobre drogas, mas a realidade é bem diferente. Os alunos ainda desconhecem de fato sobre o que pode vir a ser drogas e suas reais consequências. Igualmente, os professores ainda se sentem inseguros para estarem abordando o assunto durante as aulas, e, entendem que a escola deveria ter profissionais capacitados para lidar com este assunto.

A dificuldade ainda se amplia com a falta de compromisso dos pais sobre vida escolar e social dos filhos. E a família deve ser um aliado constante, pois juntamente com a escola forma as duas principais Instituições de educação, orientação e formação dos jovens.

Segundo a coordenação, a escola possui um projeto de prevenção ao uso de drogas chamado, Prevenção de Drogas. Porém, notou-se contradições e desconhecimentos da parte dos envolvidos. Por isso, acredita-se que deve haver uma maior integração e informação para que seu desenvolvimento se concretize.

Reconhece-se que não existe um modelo pronto para a solução de um dos principais problemas sociais enfrentados hoje pela sociedade. Porém é consenso a necessidade de estabelecimento de vínculos de toda a comunidade escolar para uma atuação em conjunto, com todos cumprindo seu papel na proteção, orientação e prevenção dos jovens quanto às drogas.

5 REFERÊNCIAS

ARATANGY, Lídia Rosenberg. O desafio da prevenção. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **DROGAS NA ESCOLA: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p. 9-17.

BRUSAMARELLO, Tatiana; et al. Consumo de drogas: Concepções de familiares de estudantes em idade escolar. **SMAD (Rev. eletrônica de saúde mental álcool e drogas)**, Ribeirão Preto, v 4, n 1, artigo 3, p. 1-19, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v4n1/v4n1a04.pdf>>. Acesso em: 01/05/2014.

COTRIM, Beatriz Carlini. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **DROGAS NA ESCOLA: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998, p. 19-30.

DOMINGUES, Tânia Arena Moreira; CHAVES, Eliane Corrêa. O conhecimento científico como valor no agir do enfermeiro. **Rev. Esc Enferm.** São Paulo: USP 2005; 39(Esp.): 580-8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v39nspe/v39nspea10.pdf>>. Acesso em: 01/05/2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/de4a85d5-f6b3-4e30-b795-9c3d4d3df0e8/estatuto-crianca-adolescente_gestao-conflitos-familiares_projetos-exensao_tb.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 03/06/2014.

LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Enfoque textual das drogas: aspectos biológicos, culturais e educacionais. In: AQUINO, Julio Groppa. (org.). **DROGAS NA ESCOLA: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998, p. 31-44.

TAMBELLI JÚNIOR, Armando. In: MACFARLANE, Aidan; MACFARLANE, Magnus; ROBSON, Philip. **Que droga é essa? A verdade sobre as drogas e seus efeitos; por que as pessoas usam e o que sentem**. 1ª Edição. São Paulo: 34, 2003, p. 172-175.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna-BA: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/LivrodeMetodologiadaPesquisa2010.pdf>>. Acesso em: 12/05/2014.

MACFARLANE, Aidan; MACFARLANE, Magnus; ROBSON, Philip. **Que droga é essa? A verdade sobre as drogas e seus efeitos; por que as pessoas usam e o que sentem**. 1ª Edição. São Paulo: 34, 2003.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas S.A. – 2006.

MOMM, Nilo; MOMM, Juliana Camargo. **Escolha a felicidade: vida sem drogas**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PEREIRA, Maria Odete; et al. A percepção dos adolescentes acerca do álcool e outras drogas no contexto familiar. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (ed. port.), 7(3):148-154, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v7n3/06.pdf>>. Acesso em: 01/05/2014.

PRIOTTO, Elis Palma. Escola e Adolescência. In: MALAGUTTI, Willian; BERGO, Ana Maria Amato. (Org.). **Adolescentes uma abordagem multidisciplinar.** 1 ed. São Paulo: Martinari, 2009, p. 215-238.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2ª edição. Novo Hamburgo-RS: feevale – 2013. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/valcinetemacedo/disciplinas/metodologia-do-trabalho-cientifico/e-book-mtc>> Acesso em: 12/05/2014.

RIBEIRO, Wânier. **Drogas na escola: prevenir educando.** / Wânier Ribeiro – São Paulo: Annablume, 2005.

SANTOS, Marailza de Brito; COSTA, Carmem Lúcia Neves do Amaral. O uso de drogas na adolescência. **Rev. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais,** 1(17): 143-150. Aracaju: out. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/952/516>>. Acesso em: 08/05/2014.

SENADO FEDERAL. **Constituição da república Federativa do Brasil.** Brasília. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf>. Acesso em: 26/05/2014.

SILBER, Tomás José; SOUZA, Ronald Pagnoncelli de. Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. **Adolescência Latino-americana** Disponível em: <<http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v1n3/a04v01n3.pdf>>. Acesso em: 20/03/2014

SILVEIRA, Dartiu Xavier da. In: MACFARLAINE, Aidan; MACFARLANE, Magnus; ROBSON, Philip. **Que droga é essa? A verdade sobre as drogas e seus efeitos; por que as pessoas usam e o que sentem.** 1ª Edição. São Paulo: 34, 2003, p. 182-189.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A filosofia da ciência e o ensino de ciências. **Em Aberto,** Brasília, ano 11, nº 55, jul./set. 1992, p. 36-41. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/816/734>>. Acesso em: 08/05/2014.

SOUZA, Josivaldo Aparecido de. **Grupos multifamiliares em dependência química.** Disponível em: <<http://www.funecsantafe.edu.br/SeerFunec/index.php/forum/article/download/355/342>>. Acesso em: 27/05/2014.

TAVARES, Beatriz Franck; BÉRIA, Jorge Umberto; LIMA, Maurício Silva de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes*. **Rev. Saúde Pública** 2001. 35(2): 150-158. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v35n2/4399.pdf>>. Acesso em: 09/05/2014.

TIBA, Içami. **Juventude e drogas: anjos caídos**. 11^a ed. São Paulo: Integrare, 2007.

VEREA, Dorot Wallach. In: MACFARLAINE, Aidan; MACFARLANE, Magnus; ROBSON, Philip. **Que droga é essa? A verdade sobre as drogas e seus efeitos; por que as pessoas usam e o que sentem**. 1^a Edição. São Paulo: 34, 2003, p. 176-178.

ZAGURI, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 16^a Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZEITOUNE, Regina Célia Gollner; et. al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Esc Anna Nery**. 2012 jan-mar; 16(1): 57-63. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a08>>. Acesso em: 10/05/2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

1. Sexo? Idade? Série?
2. O que conhece sobre drogas?
3. Conversa com alguém sobre drogas?
 - a) ☐ Sim
 - b) ☐ Não
 - c) ☐ Às vezes
 - d) ☐ Já conversei
 - e) ☐ Nunca conversei
4. Tem dificuldade de falar sobre o assunto?
 - a) ☐ Sim. Por quê?
 - b) ☐ Não. Por quê?
5. Você já teve contato com dependentes químicos?
 - a) ☐ Sim.
 - b) ☐ Uma vez.
 - c) ☐ Às vezes me comunico com usuários.
 - d) ☐ Frequentemente.
 - e) ☐ Nunca tive contato com usuários.
6. Você já teve contato com drogas?
 - a) ☐ Sim.

- b) () Não.
7. Você já experimentou alguma droga? Qual? Quantas vezes?
- a) Com quantos anos?
- b) Se já usuário, pensou em parar? Quais as dificuldades?
- c) Quais as reações que a droga teve?
- d) Os professores trabalham sobre o assunto na escola? Como?
- e) Como gostaria que o tema fosse trabalhado nas escolas?
- f) Em sua opinião, como o problema pode ser resolvido nas escolas?
8. Você é usuário?
- a) () Sim.
- b) () Não, mas pretendo me tornar.
- c) () Não, jamais me tornarei.
9. Você acha que é difícil um usuário abandonar o vício, sim ou não? Por quê?
10. Como você imagina o futuro de um usuário de drogas?
- a) () Popular.
- b) () Respeitado na rua.
- c) () Rico. Traficando.
- d) () Gangster.
- e) () Com uma linda família.
- f) () Excluído da sociedade.
- g) () Perdido pelo mundo.
- h) () Matando.
- i) () Morto.

11. Na sua opinião, vale a pena usar droga?

() Sim

() Não

Por quê?

APÊNDICE 02

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Formação? Idade?
2. Tem problemas com drogas na escola que trabalha?
 - a) () Sim, às vezes.
 - b) () Sim, frequentemente.
 - c) () Não.
3. Já lidou pessoalmente com alunos usuários?
 - a) () Sim, uma vez.
 - b) () Sim, várias vezes.
 - c) () Sim, Sempre.
 - d) () Não.
4. Consegue facilmente identificar o aluno usuário?
 - a) () Sim.
 - b) () Não.
5. Quais características consegue perceber?
6. Entre as drogas mais consumidas, cigarro, álcool, maconha e cocaína, “qual é a pior”? Que pode causar os piores danos no jovem.
7. Sente-se seguro(a) para abordar o assunto?
 - a) () Sim.
 - b) () Não, mas faço o possível para ajudar um aluno.

8. Sabe como lidar com o assunto na escola?

- a) () Não, mas preciso.
- b) () Sim, mas fico inseguro(a).
- c) () Sim, já me acostumei.

9. Já trabalhou com a temática? Como?

10. A escola tem projetos específicos sobre o tema? Qual?

11. Como você considera que seria a abordagem ideal do assunto?

12. Entende que os alunos têm esclarecimentos sobre o assunto?

13. Quais as principais dificuldades de abordar o tema?

- a) () Medo.
 - b) () Despreparo, com a situação.
 - c) () Outros. Quais?
-

14. Em sua opinião quais as funções da escola para com o problema?

15. Em sua opinião quais as funções do professor para com o problema?

APÊNDICE 03

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

QUESTIONÁRIO APLICADO À COORDENAÇÃO

1. Qual o posicionamento da escola sobre o tema, “DROGAS”?
2. Como a escola trabalha a prevenção às drogas?
3. A escola tem algum programa/projeto específico? Qual?
4. A ação da escola se deu por necessidade ou por imposição de outros órgãos?
(O governo por exemplo)
5. Conhece a realidade dos alunos em relação às drogas?
6. A escola tem algum controle estatístico ou noção do número de alunos usuários?